

Benvindo(a) à política

Em 1954, eu estava no primeiro ano da Faculdade de Direito.

Getúlio Vargas tinha criado, há pouco, a Petrobrás, e era intensa a luta política. Carlos Lacerda, que corria o Brasil com seu verbo inflamado, esteve em São Paulo. Foi aí que os estudantes de Direito resolveram fazer uma passeata contra o governo. Participei dessa passeata e lembro-me de quando, passando em frente à sede do PTB, alguns quiseram arremessar pedras contra as janelas. Uma voz ponderada nos dissuadiu. Na multidão, com o apoio dos iguais, é sempre fácil praticar atos impensados. Hoje me arrependo de haver participado dessa passeata, mas estávamos começando, ali, a fazer nosso aprendizado político.

Pouco depois, Getúlio se suicidou. Acordei com esse anúncio no Repórter Esso, e corri para a faculdade. Ali, fiquei consternado: alguns colegas soltavam rojões, em comemoração.

É bom, em todas as coisas, colocar paixão e emoção. A vida é isso. Mas só somos plenamente humanos quando sabemos controlar as emoções. Se não conseguimos, somos escravos delas.

Tenho procurado entender o que vem acontecendo nas redes sociais, e principalmente algumas explosões de raiva. A melhor explicação que, até agora, encontrei para isso, é que estamos vivendo na sociedade da arquibancada. As pessoas vão para a arquibancada e, ali, sentem-se livres para torcer para o seu time. Para elas, o importante é que o seu time vença, e, para isso, não importa o que façam: xingar o juiz e sua mãe, xingar os jogadores adversários e até mesmo, em alguns casos, agredir a torcida adversária. Com isso, fica em segundo plano o futebol, a beleza e o encanto que propicia.

As redes sociais são a arquibancada virtual. Uma enorme arquibancada, que não existia há dez anos, e que hoje está cheia de gente. De mim, quero é que ela se encha cada vez mais, de gente que, discutindo, começa a fazer o seu aprendizado político.

Torço para o Santos desde quando ele era caixa de pancada dos três grandes (Corinthians, São Paulo, Palmeiras). Uma vez, chateado, quis mudar de time, e escolhi outro. Mas não adiantou. Sou Santos, vibro e sofro com ele; peguei o vírus do futebol, e, como diz o hino do Flamengo, Santos serei até morrer.

Nesta eleição, você pegou o vírus da política. Mas, atenção, política não é futebol nem torcida, é algo mais sério: é o pão, é a saúde, é a educação, é a oportunidade de ser o que você escolheu; é a Constituição, é a solidariedade, é a liberdade (minha e dos outros), é a soberania e o desenvolvimento: é, afinal, a casa onde nós, brasileiros, moramos. Por isso não podemos, aqui, nos guiar simplesmente pela emoção. Ninguém pode escolher

um candidato porque ele é simpático ou antipático, mas, antes, pela sua história de vida e pelas suas opções concretas.

O bom é que você saiu de cima do muro e, mesmo que difícil ou penosa, fez racionalmente a sua escolha. É bom que, tendo votado em um dos candidatos, você continue, depois da eleição, a fazer política; a acompanhar os seus atos, a fiscalizar, a opinar, a pensar e a se instruir (por falar nisso, ninguém pode fazer política sem conhecer história).

Você é um(a) entre 140 milhões, mas, não obstante, sua participação é fundamental para a democracia.

Benvindo(a) à política.